

Temporalidade e causalidade em português e em francês: *então, logo, alors e donc**

(Temporalité et causalité en portugais et en français: *então, logo, alors* et *donc*)

Liliane Santos

Université Charles-de-Gaulle – Lille 3, UMR 8163 “Savoirs, Textes, Langage” (CNRS)

liliane.santos@univ-lille3.fr

Résumé: Ce travail est une analyse contrastive des marqueurs consécutifs polysémiques *então, logo* (portugais), *alors* et *donc* (français). Ayant comme point de départ le concept de *consécution*, outre leur fonctionnement originel en tant qu’adverbes de temps, nous construisons notre analyse autour de *então*. Utilisant les marqueurs italiens *dunque* et *quindi* comme contrepoint, nous montrons que ces quatre marqueurs ont différemment lexicalisé les effets pragmatiques dus au type de relation qu’ils actualisent.

Mots clés: temps ; cause ; consécution ; polysémie grammaticale.

Resumo: Apresentamos uma análise contrastiva de quatro marcadores consecutivos polissêmicos: dois do português (*então* e *logo*) e dois do francês (*alors* e *donc*). Partindo do conceito de *consecução* e do fato de serem originalmente advérbios de tempo, construímos nossa análise em torno de *então*. Com essa análise – para a qual utilizamos os marcadores italianos *dunque* e *quindi* como contraponto –, mostramos que os quatro marcadores lexicalizaram de diferentes maneiras os efeitos pragmáticos da relação que atualizam.

Palavras-chave: tempo; causa; consecução; polissemia gramatical.

0. Introdução

Sob a etiqueta *marcadores consecutivos* encontra-se reunida uma família de morfemas bastante heterogênea, tanto com relação às categorias gramaticais representadas como no que diz respeito às relações semântico-pragmáticas atualizadas. Mas, para além da diversidade sintática e semântico-pragmática, o que permite reunir esses marcadores numa mesma família é o fato de exprimirem uma relação de *consecução*. Construído em torno de *então*, marcador já bastante estudado em português, nosso trabalho se interessa também a *logo*, assim como a *alors* e *donc* (marcadores franceses), dividindo-se em quatro partes. Primeiramente, apresentaremos os elementos teórico-metodológicos que consideramos essenciais para nossa análise. Em seguida, partindo de suas etimologias, analisaremos alguns de seus usos temporais e não temporais para, no fim dessa análise, apresentarmos algumas breves observações sobre *quindi* e *dunque* (marcadores consecutivos italianos). Para terminar, apresentaremos nossas considerações finais.

1. Elementos preliminares

Antes de iniciar nossa análise, convém indicar que nosso trabalho se situa na perspectiva da teoria dos processos enunciativos (CULIOLI, 1990), da pragmática da interação (ROULET *et al.*, 1985; MOESCHLER, 1985) e da linguística textual (VILELA; KOCH, 2001). Da primeira, aproveitamos o conceito de **noção**:

... sistema complexo de representação que estrutura propriedades físico-culturais de ordem cognitiva. Anterior à categorização em palavras, a noção é um gerador de unidades

lexicais. Geralmente representada entre duas barras (...) inclinadas – por exemplo, /gato/ –, a noção é um predicável (“ser gato”, “ter a propriedade gato”) unicamente definido em intensão. Além de uma certa estabilidade indispensável à comunicação, as noções não são totalmente cristalizadas; ao contrário, elas são dinâmicas e variam de um indivíduo a outro e de uma situação a outra. Uma noção somente pode ser apreendida através suas ocorrências, fenomenais e enunciativas (BEARTH; FENNIG, 2004).

Como se sabe, a partir dos anos 60 os estudos em pragmática se estenderam, e se enriqueceram, com a contribuição da análise da estruturação dos textos e da análise da interação, no interior de diferentes paradigmas teóricos. Paralelamente, essas análises puderam se beneficiar de novos modos de constituição dos *corpora* – sobretudo orais e interacionais –, o que permitiu, por sua vez, estender os tipos de análises e os quadros teóricos que se ocupam da linguagem *em contexto* e *como ação*, pela integração de uma série de fenômenos relativos às formas linguísticas, a seus usos em situação, à sua estruturação em gêneros e tipos, entre outros. Essa perspectiva sustenta a ideia de que

a natureza da atuação discursiva dos assim chamados “Marcadores Conversacionais”, permite distribuí-los (...) entre dois planos não necessariamente exclusivos, antes quase sempre interrelacionados, conforme seu envolvimento maior com a organização da informação, na estrutura ideacional do discurso, ou com a organização das relações entre os interlocutores, na estrutura interpessoal (RISSO, 1996, p. 423).

Como sua própria denominação indica, a preocupação maior da linguística textual é o *texto*, ou seja, todas as ações linguísticas, cognitivas e sociais mobilizadas para sua produção, organização, funcionamento e recepção. É a linguística textual que nos permite afirmar que a produção e a compreensão de textos são atividades essencialmente interativas, que se realizam a partir da forma como se organizam os elementos presentes na superfície textual – sem esquecer o conhecimento de mundo.

Tendo como foco a contribuição dos marcadores para a construção dos textos, essa tripla perspectiva teórico-metodológica nos autoriza a lidar com um *corpus* proveniente de fontes diversas, a insistir no caráter interacional dos exemplos coletados e das análises efetuadas e a propor análises que lançam mão de recursos provenientes da semântica tanto quanto da pragmática.

1.1. Marcador (conector, operador)

Utilizaremos *marcador* para designar um elemento multifuncional (isto é, que pode funcionar tanto como um conector quanto como um operador). Relativamente às suas funções, os marcadores, os operadores e os conectores têm em comum seu comportamento enquanto fornecedores de instruções para a interpretação dos enunciados, instruções estas que levam o interlocutor a efetuar um certo número de operações inferenciais “a partir do dado linguístico e do contexto no qual esse dado ocorre” (CHAROLLES, 1995, p. 126). Ao provocar determinadas operações mentais, esses elementos restringem as interpretações possíveis dos enunciados aos quais se ligam. Nesse sentido, os marcadores são considerados a partir da ideia de que funcionam como instruções fornecidas pelo locutor ao interlocutor, com o objetivo de guiar este último em seu trabalho de interpretação, ao autorizar certas inferências e bloquear outras.

1.2. A consecução

Dois fatos que se sucedem no tempo encontram-se numa relação de *sucessão temporal* (é o que ocorre, por exemplo, no encadeamento narrativo). Em muitos desses

casos, é possível estabelecer, além da sucessão temporal, uma relação de causa a consequência entre os fatos em questão: é o que chamamos de *consecução*. Entre os marcadores especializados na introdução de relações de consecução, encontramos *então* – que, como veremos, permite não somente a retomada anafórica do enunciado anterior àquele que introduz, como permite o estabelecimento de uma relação de dependência entre os fatos representados nesses enunciados.

2. Ponto de partida: as etimologias

As etimologias dos quatro marcadores aqui estudados fornecem informações interessantes para a análise. Apresentamos, a seguir, algumas breves indicações.

Então deriva da expressão latina *intunc*, composta pela preposição *in* e pelo advérbio *tunc*. *Intunc* significa “naquele tempo/momento/ocasião” – a mesma significação de *illa hora*, expressão que originou *alors*. Quanto a *logo*, sua origem encontra-se em *loco*, ablativo latino de *locus*, substantivo que significa “lugar”, mas também “localização de um elemento numa série (espacial ou temporal) ordenada”; o ablativo *loco* possui em latim o valor de “em tempo”, “oportunamente”. Em seu uso temporal atual, *logo* equivale a “imediatamente”. Apesar de não conhecer usos temporais no estado atual da língua francesa, *donc* também deriva de uma expressão temporal: *dum*, partícula que marca a simultaneidade de dois eventos.

Mesmo não sendo nossa intenção traçar o percurso histórico desses marcadores, pensamos ser possível utilizar as indicações fornecidas por suas etimologias como ponto de partida para nossa análise. Para *alors* e *donc*, essas indicações permitem identificar como valor *primário* o fato de que veiculam uma operação de **referenciação das marcas temporais** presentes nos enunciados. *Então* e *alors* fazem sua referência temporal do enunciado anterior àquele em que ocorrem porque este último não possui referência temporal independente. Neste sentido, é possível dizer que *então* e *alors* são **anafóricos**: eles operam uma **referenciação temporal** entre dois eventos por meio de uma **retomada anafórica**, remetendo ao momento em que ocorre um evento já evocado. Em outros termos, a *concomitância* marcada por *então/alors* é uma *correferenciação temporal*.

Logo relaciona dois eventos, descrevendo uma relação de **sucessão temporal**. De modo similar ao que ocorre com os enunciados com *então/alors*, os enunciados introduzidos por *logo* não possuem referência temporal própria, razão pela qual ele se apoia numa referência anterior para indicar que o evento representado no enunciado que introduz segue de perto o evento representado anteriormente (ou, dito de outro modo, que a diferença entre T_1 e T_2 é mínima – ou assim apresentada pelo locutor). Trata-se de uma relação de **sucessão**.

Com *donc*, “ao longo da evolução (...) passamos de uma simultaneidade constatada à expressão de uma causalidade considerada como existindo fora do discurso que a representa, causalidade esta que fundamenta a relação estabelecida no discurso” (HYBERTIE, 1996, p. 8).

3. Os usos temporais

3.1. *Então/alors*

Como indicamos, *então* e *alors* são anafóricos que retomam a referência

temporal do enunciado anterior (E1), utilizando-a como referência do enunciado em que ocorrem (E2). Essa referência temporal pode ser um adverbial temporal, como em (01) e (02):

- (01) *Em 1890* muitos europeus emigraram. Meus pais, **então** com uns 20 anos, vieram para o Brasil. (SANTOS, 1996)
- (02) J'ai commencé mes études de Lettres *en 1968*. Il n'y avait **alors** qu'une seule faculté de Lettres et Sciences humaines à Paris. ("Comecei a estudar Letras *em 1968*. **Na época**, só existia uma faculdade de Letras e Ciências Humanas em Paris"). (HYBERTIE, 1996)

Seguindo a análise de Hybertie (1996, p. 24), podemos dizer que, nesses casos, *então* e *alors* têm um valor "exatamente conforme a seu valor original", razão pela qual os dois marcadores indicam "uma concomitância estrita entre os estados de coisas descritos no enunciado". Outros exemplos também mostram que *então* pode assumir, em certos contextos, um valor nitidamente temporal:

- (03) Meus pais imigraram em 1890, fugindo da miséria que **então** assolava as classes trabalhadoras na Europa. (SANTOS, 1996)
- (04) Meus pais imigraram em 1890, acompanhados por meus avós, que tinham **então** uns 80 anos. (*id.*)
- (05) Meus pais imigraram em 1890, deixando tudo para trás. Eles tinham **então** uns 20 anos. (*id.*)

Note-se, além disso, que a retomada anafórica da referência temporal de E1 também pode ocorrer em casos em que E1 não comporta uma referência temporal explícita:

- (06a) Je suis allé jusqu'à la place du village, **alors** je l'ai vu arriver. (HYBERTIE, 1996)
- (06b) Fui até a praça da cidadezinha (e) **então** vi-o chegar.

Segundo Hybertie (*op. cit.*, pp. 24-25), em tais casos ocorre o estabelecimento de um nexo de dependência entre E1 e E2:

alors, que significa *naquele momento*, já não marca uma concomitância estrita: os dois eventos ou estados de coisas descritos não se desenrolam de maneira estritamente contemporânea. *Alors* relaciona duas etapas de um desenvolvimento temporal e deriva para a consecução no sentido primeiro do termo – dois eventos que se seguem (...). *Alors* constrói uma sequência de eventos (...) ligada à ordem lógica de ocorrência dos fatos, fazendo aparecer o primeiro como condição de realização do segundo (...) [e apresentando-os] como dependentes um do outro.

Também com *então* encontramos contextos em que dois eventos se sucedem:

- (07) Ana Flávia segurou a porta do elevador social. Em outro andar, alguém começou a esmurrar a porta do elevador. Ana Flávia decidiu **então** soltar a porta. (SANTOS, 1996)

O que nos leva ver em tais casos não uma relação de *sucessão*, mas de *consecução* é o *deslizamento de sentido* que opera a passagem da concomitância à sucessão temporal, que pode ser explicado pelo caráter anafórico de *então* e de *alors* e que permite estabelecer uma relação de dependência entre os eventos. Com relação a (07), por exemplo, podemos dizer que *Ana Flávia decidiu soltar a porta do elevador porque alguém começou a esmurrá-la*. É nesse sentido que *então* e *alors* permitem uma

interpretação que vai além da existência de um nexos temporal entre os eventos dos enunciados que ligam, favorecendo uma interpretação segundo a qual existe um nexos causal entre eles. No entanto, isso não significa que *então* e *alors* estabeleçam obrigatoriamente um nexos causal em todos os seus usos temporais. Exemplos como (08)

(08a) O agente desceu as escadas lentamente. Quando chegou à rua, tirou uma folha de endereços do bolso e, com um lápis, riscou o nome “Imobiliária Ajax”. Olhou **então** o relógio e apressou o passo. (R. Fonseca, *apud* SANTOS, 1996)

(08b) L’agent a lentement descendu les escaliers. Lorsqu’il est arrivé sur le trottoir, il a sorti une feuille d’adresses de sa poche et a barré le nom “Immobilier Ajax” avec un crayon. Il a **alors** regardé sa montre e a pressé le pas.

tornam mais claro o que já podíamos vislumbrar em (01) e (02): se *então* e *alors* operam uma correferência, eles não introduzem necessariamente uma relação consecutiva. Em outros termos, isso mostra que a interpretação causal é um *efeito contextual* bastante frequente, favorecido pela presença dos marcadores. Como essa interpretação enriquece o contexto, ela é preferida a uma interpretação não causal: trata-se de um valor mais *relevante* (SPERBER; WILSON, 1986). Ao considerar que a presença dos marcadores não introduz mas apenas favorece a interpretação segundo a qual existe um nexos causal entre os enunciados que ligam, nossa análise se afasta da que Hybertie propõe para *alors*: se *então* e *alors* marcam uma operação de correferência por intermédio de uma retomada anafórica, a dependência que introduzem é aquela que liga um anafórico a seu referente – o que constitui um nexos completamente diferente do descrito pela autora.

Além disso, *então* e *alors* têm um funcionamento semelhante com relação à **validação** dos enunciados aos quais se ligam: na medida em que a validação dos enunciados precede a retomada anafórica, eles procedem a uma dupla operação (HYBERTIE, 1996; SANTOS, 1996, 1999). A **validação** corresponde ao fato de que o locutor põe que o estado de coisas representado na proposição é (foi ou será) o caso na realidade, o que significa que ele assume o conteúdo proposicional do enunciado (inclusive suas referências temporais, se e quando for o caso). Nas sequências P *então/alors* Q, P é validada primeiro. Com *então* e *alors*, para que a retomada da referência temporal de P possa ocorrer em Q, é necessário, primeiramente, que seja validada, isto é, assumida pelo locutor. Em seguida, *então* e *alors* retomam a referência temporal para a qual P é validada, a fim de utilizá-la como a referência temporal de Q. É nisso que *então* e *alors* favorecem a interpretação segundo a qual existe um nexos causal entre P e Q: sem a validação da primeira, a segunda não pode ser validada.

3.2. Prevalência do valor consecutivo em presença do valor temporal

Como se sabe, atualmente o uso de *então* com um valor temporal é menos frequente do que seu uso com valores textuais, discursivos e interativos. Também já observamos que nem todos os contextos favorecem uma interpretação temporal desse marcador:

- (09) L1 – Quando seus pais emigraram?
L2 – Em 1890.
L1 – Que idade eles tinham **então**? (SANTOS, 1996)

Nos contextos interrogativos, a interpretação mais frequente de *então* consiste em vê-lo como marcando uma relação de causa a consequência entre o enunciado

afirmativo e o enunciado interrogativo seguinte – o que não significa que uma interpretação temporal do exemplo acima seja impossível. O enunciado interrogativo geralmente equivale, em tais contextos, a um pedido de confirmação da conclusão à qual L1 chegou a partir do enunciado de L2. Assim, (09) aceita uma glosa como *a partir do que você disse, posso tirar uma conclusão do tipo “eles deviam ser jovens”, mas gostaria que você me confirmasse*. Nesses casos, *então* não equivale a *alors*, mas a *donc*: nos enunciados interrogativos, *donc* marca um pedido de confirmação de uma inferência, função que *alors* não exerce. Por outro lado, a ocorrência de *então* em contextos de resposta a uma pergunta coloca questões interessantes:

- (10) L1 – Você quer sair hoje à noite?
L2 – Não vamos ver o jogo na TV, **então**.

Nesse tipo de contexto, *então* é mais frequentemente interpretado como marcando não um nexos temporal, mas causal (do tipo *não vamos ver o jogo porque vamos sair*) ou implicativo (*se vamos sair então não vamos ver o jogo*). Esse efeito se deve a pelo menos dois fatores. Primeiro, a posição ocupada por *então* no enunciado: em posição final, parece ser privilegiada a interpretação causal/implicativa. Em segundo lugar, a expressão que funciona como referência para *então* (*hoje à noite*) se encontra no discurso do interlocutor: a presença da referência temporal de *então* no discurso do locutor que o utiliza parece favorecer a sua interpretação temporal. Nesse tipo de contexto, em francês, cabe se interrogar sobre o estabelecimento de um nexos causal entre uma pergunta e uma resposta, pois *alors* é possível, ao passo que *donc*, não: somente o estabelecimento de uma relação temporal entre os dois enunciados é lícito. Os contextos dialógicos não são, contudo, os únicos a colocar questões interessantes quanto ao funcionamento e à interpretação de *então*:

- (11a) Meus pais emigraram em 1890. Eles tinham uns 20 anos **então**. (SANTOS, 1996)

Num contexto como (11a), *então* é ambíguo entre uma interpretação temporal e uma interpretação implicativa, cuja glosa pode ser algo do tipo *se meus pais emigraram em 1890, então eles tinham mais ou menos 20 anos*. Além disso, a observação das diferentes posições que *então* pode ocupar no enunciado mostra que seu valor temporal está sempre presente, mesmo quando uma interpretação consecutiva é possível:

- (11b) Meus pais emigraram em 1890. **Então** eles tinham uns 20 anos. (SANTOS, 1996)

- (11c) Meus pais emigraram em 1890. Eles **então** tinham uns 20 anos. (*id.*)

- (11d) Meus pais emigraram em 1890. Eles tinham **então** uns 20 anos. (*id.*)

A comparação entre (01) e (03)-(05) com (12) permite perceber um outro tipo de fator a ser tomado em consideração quando da observação do uso temporal de *então*:

- (12) Meus pais emigraram em 1890, **então** com uns 20 anos. (*id.*)

A diferença entre os exemplos em questão se encontra na operação de retomada: em (12) *então* retoma o termo adjacente, mas não nos demais. Neste ponto da discussão, estamos em condições de indicar que a interpretação temporal de *então* é favorecida por pelo menos três condições. Primeiramente, a ocorrência de sua referência no discurso do interlocutor e, em segundo lugar, a posição ocupada por seu referente – que, de preferência, não lhe deve ser adjacente. Em terceiro lugar, sua interpretação temporal parece depender de uma condição de não ambiguidade, no sentido em que os contextos

ambíguos não bloqueiam a ocorrência de *então* temporal, mas, quando uma interpretação consecutiva é possível, é ela que prevalece.

Evidentemente, essas observações não se aplicam a *alors*, pois esse marcador possui um funcionamento diferente de *então*. Convém lembrar, também, que o francês possui em *donc* um segundo equivalente de *então*. Como *donc* nunca marca relações temporais, os nexos causais expressos pelos dois marcadores se diferenciam pelo fato de que *alors* marca relações de causa a consequência estabelecidas no discurso, enquanto *donc* exprime nexos causais que existem fora do discurso (ver mais adiante).

3.3. Logo

Logo marca uma relação de sucessão temporal imediata entre dois eventos ou entre um evento e o momento da enunciação:

(13) Volto *logo*.

(14) Ele criou o [ministério] da Amazônia, e número [de ministérios] subiu para 27. Extinguiu o do Meio Ambiente e voltou para 26. *Logo* acabou com o recém-criado Ministério da Amazônia e o número caiu para 25. (SANTOS, 1996.)

(13) e (14) mostram que as coisas não são tão simples como nossas observações anteriores poderiam fazer pensar: não se trata exatamente de uma sucessão imediata, mas, antes, do fato de que o locutor *apresenta* os eventos em questão como estando separados por um intervalo de tempo insignificante. Perceber que *logo* pode tomar como referência temporal o momento da enunciação tanto quanto o texto anterior nos leva a modificar nossa primeira apresentação desse marcador: *logo* introduz relações de sucessão temporal, indicando que dois momentos T_1 e T_2 são próximos, sem dar indicações precisas quanto ao intervalo de tempo que os separa. Tendo em vista que uma análise aprofundada desse marcador escapa aos limites deste trabalho, vamos nos contentar dessa caracterização rápida, cuja utilidade é de ilustrar os principais traços de seu funcionamento. Convém, no entanto, observar que, nos casos em que é importante indicar o caráter imediato, *strictu sensu*, de uma sucessão temporal, *logo* ocorre em locuções como *logo depois* ou *logo após*.

4. Os usos não temporais

4.1. Então como equivalente de *alors*

Para ilustrar a equivalência entre *então* e *alors* em seus usos não temporais, vamos comparar seus comportamentos em estruturas do tipo *se... então/si... alors*. Em tais estruturas, *se/si* têm por função introduzir o *quadro de discurso* no interior do qual a proposição iniciada por *então/alors* poderá ser validada. Contudo, essa validação não possui as mesmas características que a validação anteriormente descrita. Diferentemente do que expusemos acima, num primeiro momento o locutor não assume necessariamente a verdade da proposição-quadro. No entanto, ele a apresenta como elemento prévio à validação da segunda (que ele assume). É por isso que preferimos falar de **validação condicional**. Nessas construções, a função de *então/alors* é de proceder a uma retomada de *se/si* P e, por esse meio, validá-la para fazer dela a referência a partir da qual Q será validada. Sendo assim, é a validação da segunda proposição que permite a validação do conjunto pelo locutor.

- (15a) *Se* não fizermos a revisão [da Constituição], *então* teremos de patrocinar uma emenda constitucional revogando o artigo que estabelece a revisão. (SANTOS, 1996)
- (15b) *Si* nous ne faisons pas la révision constitutionnelle, *alors* il nous faudra recommander un amendement constitutionnel pour abroger l'article qui établit cette révision.

(15) pode ser parafraseada por *no caso em que não fizermos a revisão da Constituição, teremos de patrocinar uma emenda constitucional (...)*. Podemos, assim, perceber quais são os nexos induzidos por *se/si... então/alors*: P é posta como a condição de realização de Q. Consequentemente, a relação entre as duas proposições pode receber a seguinte glosa: *Q pode ser validada na hipótese em que P seja verdadeira*, glosa que permite ver que a validação de P não é dada como certa, mas simplesmente considerada como uma eventualidade. É essa eventualidade que serve de referência a *então/alors* para a validação de Q – e é isso que nos permite falar em “validação condicional”.

Como se sabe, as construções implicativas admitem duas realizações: (i) *conec* P, *conec* Q e (ii) *conec* P, Q, não existindo diferenças notáveis entre elas. É o que se dá com *se* P, *então* Q: quando *então* não ocorre, P permanece a proposição-quadro em que é posta a eventualidade da validação de Q. A diferença entre essas duas construções reside no fato de que, no primeiro caso, *então/alors* retoma explicitamente a referência hipotética construída por *se/si*, ao passo que isso não ocorre no segundo caso. Por exemplo, quando se tem duas estruturas causa-consequência paralelas, a segunda deve ser marcada por *então*:

- (16a) Sua dúvida era o discurso de posse. *Se* já estivesse pronto para ser lido na cerimônia, daria a impressão de que X não via a hora de tomar logo a cadeira de Y. *Se* não estivesse, *então* passaria a idéia de que ele não se preparara para assumir o cargo. (SANTOS, 1996)
- (16b) Il hésitait quant au discours de prise de fonctions. *S'il* était déjà prêt pour la cérémonie, ça donnerait le sentiment que X était impatient pour prendre la place d'Y. *S'il* ne l'était pas, *alors* ça donnerait le sentiment qu'Y ne s'était pas préparé pour assumer le poste.

A ocorrência de *então/alors* não marca o enunciado que introduzem como uma consequência global, decorrente do conjunto formado pelos dois antecedentes introduzidos por *se/si*, mas como uma consequência unicamente do último. Além disso, em tais estruturas, que comportam uma disjunção, a ocorrência de *então/alors* desequilibra a escolha entre os dois termos da alternativa. A disjunção supõe que os dois termos estejam em pé de igualdade relativamente à sua validação, mas, em contextos como (16), o locutor começa por apresentar o primeiro termo da alternativa e, com *então/alors* – que introduz o segundo –, opera um retorno ao primeiro para indicar que sua não validação implica a validação do segundo. Não somente os dois termos são apresentados como se excluindo mutuamente, mas a realização do segundo é apresentada como condicionada pela não realização do primeiro. Podemos dizer que a presença do marcador desequilibra a relação entre as alternativas, pois o compromisso do locutor com relação a elas não é o mesmo. Outros fatores – como a presença de *então/alors* com uma outra função na vizinhança sintática da estrutura condicional – devem ser levados em conta quando do exame da possibilidade de *então/alors* com valor consecutivo ocorrerem ou não em certos contextos. Em (17), por exemplo,

- (17a) *Se* não fosse um rosto conhecido na eleição de 1986, as coisas teriam sido mais difíceis para o ex-ministro X, que *então* se elegia deputado federal pelo PMDB. (SANTOS, 1996)
- (17b) *Si* au moment des élections de 1986 il n'était déjà pas quelqu'un de connu, les choses auraient

été beaucoup plus difficiles pour l'ex-ministre X, qui se faisait *alors* élire député fédéral par le PMDB.,

a presença de uma relativa cujo escopo é um dos argumentos da consequente *então/alors* Q e que comporta uma ocorrência de *então/alors* com valor temporal faz com que a estrutura de base [*se/si* P *então/alors* Q, que R *então/alors*_(temporal) S] se torne [*se/si* P, Q, que R *então/alors* S]. Na medida em que a solidariedade entre a antecedente e a consequente é forte, o *então/alors* consecutivo não aparece na construção, o que permite a ocorrência de um *então/alors* temporal.

4.2. *Então* como equivalente de *donc*

Sabendo que *então* e *donc* compartilham um número importante de usos não temporais (tais como o pedido de confirmação de uma inferência, a reintrodução de um tópico conversacional, o fechamento de uma unidade conversacional/discursiva), examinamos nesta seção somente um desses contextos: a introdução de conclusões.

- (18a) Criou-se no Brasil um preconceito que é muito difícil extirpar. O negro entrou como escravo. *Então* o branco, que o comprou, é superior. O negro, que foi comprado, é inferior. (SANTOS, 1996)
- (18b) Il s'est créé, au Brésil, un préjugé racial qui est très difficile à éliminer. Le Noir y est arrivé en tant qu'esclave. *Donc* le Blanc, qui l'a acheté, apparaît comme supérieur. Et le Noir, qui a été acheté, apparaît comme inférieur.

Dizer (18) significa dizer que a relação consecutiva será válida quaisquer que sejam os valores referenciais *x* e *y* validando a relação entre *x ser escravo* e *x ocupar uma posição inferior*, por um lado, e entre *y comprar um escravo* e *y ocupar uma posição superior*, por outro. Em outros termos, *então* e *donc* não exprimem somente um nexo de causalidade entre duas ocorrências particulares de P e de Q, mas um nexo em que *a cada vez que se tem P, tem-se Q*. Isso, por sua vez, significa que a relação consecutiva não é construída pelo discurso, mas é a ele subjacente, sendo construída no nível das noções (ou seja, ela é atualizada pelo discurso). Nesses casos, *então* equivale a *donc* – que, como observamos acima, introduz relações causais apresentadas como necessárias: “utilizar *donc* não é somente exprimir (...) que um fato *x* produziu ou causou um fato *y*, mas que *x* e *y* ocorrem sempre ao mesmo tempo” (HYBERTIE, *op. cit.*, p. 8). Lembremos que *então* também introduz consequências apresentadas como **contingentes**. Vejamos (19):

- (19a) A porta estava aberta, **então** eu entrei.
- (19b) La porte était ouverte, **alors** je suis entré(e).

Nesses contextos *então* não equivale a *donc*, mas a *alors* – marcador especializado na expressão de relações causais contingentes. Em outros termos, em (19) o locutor estabelece uma relação causal particular entre as ocorrências particulares das relações predicativas (*a porta*) *estar-aberta* e (*eu*) *entrar*: não se trata de entrar a cada vez que se vê uma porta aberta – o que equivaleria a pôr a relação como necessária – mas é o caso dessas ocorrências particulares desses dois estados de coisas – o que equivale a pôr a relação como contingente. Na realidade, utilizar *donc* no lugar de *alors* em (19b) produziria um efeito de sentido segundo o qual essas duas relações predicativas são ligadas por um nexo causal necessário. Lembremos, por fim, que em todos os usos de *então/alors*, seu valor temporal permanece potencialmente presente:

(20a) Às vezes ele tentava entender as pessoas. Mas por mais que se esforçasse não conseguia agüentar a conversa que se estabelecia. **Então** ele se calava e a conversa morria. (R. Fonseca, *apud* SANTOS, 1996)

(20b) Il essayait, parfois, de comprendre les gens. Mais il avait beau s’efforcer, il ne pouvait supporter la conversation qui s’engageait. **Alors** il se taisait et la conversation mourrait.

(20a) e (20b) aceitam pelo menos duas paráfrases, respectivamente (20c-d) e (20e-f):

(20c) Ele não conseguia agüentar a conversa que se estabelecia. **Nesse momento** ele se calava e a conversa morria.

(20d) Ele não conseguia agüentar a conversa que se estabelecia. **Consequentemente**, ele se calava e a conversa morria.

(20e) Il ne pouvait supporter la conversation qui s’engageait. **A ce moment** il se taisait et la conversation mourrait.

(20f) Il ne pouvait supporter la conversation qui s’engageait. **Par conséquent**, il se taisait et la conversation mourrait.,

o que não é surpreendente se pensarmos no fato de que as relações de causa-consequência comportam em sua própria definição uma relação de consecução temporal: uma causa sempre antecede sua consequência. Sendo assim, quando uma relação desse tipo deve imperativamente ser marcada como necessária, ocorrem outros marcadores, não ambíguos – por exemplo, *logo*, *portanto*, *consequentemente*. Do mesmo modo, outros marcadores podem estabelecer de maneira não ambígua uma relação de causa-consequência contingente – *por isso*, por exemplo.

4.3. *Logo* como equivalente de *donc*

Enquanto introdutor de uma conclusão necessária, *logo* mobiliza para sua interpretação um silogismo em que uma das premissas está ausente, como em (21a):

(21a) Paulo é japonês. *Logo*, é inteligente, (SANTOS, 1996)

cuja interpretação faz aparecer (21b), a premissa ausente:

(21b) Todos os japoneses são inteligentes.

Esse tipo de uso lembra muito o uso de *donc* que Hybertie (*op. cit.*, pp. 15-16) considera “inferencial”, a inferência sendo, de acordo com a autora,

um tipo de operação mental que consiste em chegar, a partir de um fato dado na experiência do enunciador, à enunciação de outro fato, não dado em sua experiência. Essa operação mental somente pode ser feita (...) com base num conhecimento de mundo – no caso, sobre a concomitância entre dois estados de coisas representados nas proposições postas em relação: se não se pode ter *x* sem *y*, o fato de se ter um permite pôr legitimamente que o outro deve necessariamente ser o caso.

Em razão de seu valor de sucessão imediata, *logo* também permite o estabelecimento de inferências fundadas em uma relação consecutiva do tipo “a cada vez que se tem *x*, tem-se *y*”: trata-se, portanto, de uma relação do tipo “*y* sempre vem

depois de *x*”, o que significa que *logo* equivale a *donc* em todos os usos em que este último estabelece uma relação de causa-consequência como a que acabamos de descrever. Mas isso também significa que *logo* equivale a *donc* mesmo nos casos em que este último introduz um *coup de force* argumentativo:

- (22a) Le film de Coline Serreau, véritable phénomène de société en France, avait eu du succès aux États-Unis. Hollywood décide **donc** de le refaire. (HYBERTIE, 1996)
- (22b) O filme de Coline Serreau, verdadeiro fenômeno social na França, foi sucesso nos Estados Unidos. **Logo**, Hollywood decidiu refazê-lo.
- (23a) Il n'est ni énarque ni polytechnicien, **donc** il apporte un peu d'air frais dans l'entreprise. (*id.*)
- (23b) O diploma dele não é de uma faculdade importante, nem da Escola Politécnica. **Logo**, ele traz um pouco de ar fresco para nossa empresa.

Em [22], o fato de Hollywood decidir refazer o filme é posto como consequência de o filme em questão ter feito sucesso nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, *donc* apresenta esse movimento dedutivo como repousando numa relação de **concomitância**: quando um filme estrangeiro é sucesso nos Estados Unidos, Hollywood decide refazê-lo. Ao utilizar *donc*, o enunciador se apresenta como se submetendo à ordem das coisas e confere à asserção da consequência um valor semelhante ao da conclusão de um silogismo: o estabelecimento da relação se aparenta à **dedução** que se tira da afirmação anterior *via* o conhecimento da relação mais geral de concomitância entre dois fatos. A asserção da consequência é, por isso mesmo, **legitimada** – o que permite, além disso, todos os *coups de force* argumentativos, de que [23] constitui uma excelente ilustração. Nesse exemplo, o efeito desejado é o de impor uma conclusão puramente subjetiva como uma verdade inscrita na ordem das coisas, como uma afirmação consensual que se tira necessariamente da proposição anterior (*op. cit.*, pp. 14-15, grifos da autora).

Uma diferença importante no funcionamento de *logo* e *donc* diz respeito à posição que o marcador português deve ocupar em tais enunciados: enquanto *logo* ocorre massivamente em posição inicial – podendo, em raros casos, ocupar a posição medial, mas jamais a final –, *donc* pode ocupar as três posições. Some-se a isso o fato de que são três os contextos em que *logo* não pode ser utilizado como equivalente de *donc*: (i) aqueles em que *donc* assume funções metadiscursivas, como estruturador do discurso – (24) –, (ii) aqueles em que ele marca a retomada de um antecedente – (25) – e (iii) aqueles em que *donc* tem uma função fática:

- (24a) Alors que l'opposition piaffe d'impatience dans un pays (l'Algérie) auquel la période française a donné le goût des idées et des débats, une Assemblée Nationale élue en 1987, **donc** sans le moindre candidat d'opposition, est appelée à discuter des grands réformes que le président Chadli a chargé le gouvernement de mettre en œuvre. (HYBERTIE, 1996)
- (24b) Enquanto a oposição dá mostras de impaciência, num país – a Argélia – ao qual a época francesa ensinou a apreciar as ideias e os debates, uma Assembleia Nacional, eleita em 1987 – **portanto** sem nenhum candidato de oposição – é chamada a discutir sobre as grandes reformas que o Presidente Chadli encarregou o governo de executar.
- (25a) aujourd'hui nous allons nous intéresser aux livres à l'édition peut-être même à la littérature qui sait et plus particulièrement aux biographies et si nous avons le temps peut-être aux autobiographies mais surtout aux biographies **donc** un spécial bio avec trois critiques... (*id.*)
- (25b) vamos nos interessar, hoje, aos livros, à edição e talvez até mesmo à literatura, quem sabe, e mais particularmente às biografias. E, se tivermos tempo, talvez nos interessemos às

autobiografias – mas vamos nos interessar principalmente às biografias. Teremos, **então**, um programa especial biografia, com três críticos...

Em tais contextos, *logo* não pode ser utilizado como equivalente de *donc*, mas *portanto* e *então*, sim. No primeiro caso, porque *donc* constroi uma relação de equivalência entre estados de coisas ou fatos que não corresponde ao tipo de relação conclusiva marcada por *logo*. No segundo caso, porque *logo* não possui valor anafórico – exatamente o traço semântico que caracteriza *então*. Esses elementos também permitem confirmar nossas observações a respeito dos contextos em que *então* e *logo* não são equivalentes: aqueles em que *então* introduz uma conclusão que decorre do que é contingente, do que é construído pelo discurso.

4.4. *Dunque e quindi*

Geralmente considerados sinônimos (LO CASCIO, 1991), os marcadores italianos *dunque* e *quindi* na verdade não compartilham todos os seus contextos de uso, do mesmo modo como não compartilham todos os usos de *donc*, marcador ao qual equivalem e com o qual compartilham suas propriedades básicas. Observando os contextos de *donc* nos quais *dunque* é possível, mas não *quindi*,

(26a) ***Quindi/dunque** per tornare a chel dicevo...

(26b) **Donc**, pour revenir à ce je disais...

(26c) **Então**, retomando o que eu estava dizendo...

(27a) È ***quindi/dunque** la sua opinione che sta esprimendo?

(27b) Est-ce **donc** ton avis que tu exprimes?

(27c) É a sua opinião, **então**, que você está expressando?,

percebemos que se trata de casos em que *donc* marca, nos termos de Ferrari e Rossari (1984), uma “reatualização do discurso”. *Quindi*, por sua vez, parece possuir a propriedade contrária – “ele introduz uma implicação apresentada como (...) nova” (p. 43), razão pela qual em enunciados como (28), em que a retomada vem acompanhada de efeitos pragmáticos como a impaciência, *quindi* não é natural no lugar de *dunque*:

(28a) Ma cosa credi **dunque**/ ***quindi**!

(28b) Mais à quoi tu crois, **donc**!

(28c) Mas o que é que você está pensando, **então**!

E é por essa mesma razão que *quindi* não é possível no contexto seguinte

(29a) L1 – Ma perché non mi faresto questo piacere?
L2 – Eccoti **dunque**/***quindi** di nouvo alla ricarica.

(29b) L1 – Mais pourquoi ne me ferais-tu pas ce petit plaisir?
L2 – Et te revoilà!

(29c) L1 – Mas por que é que você não me faria esse agrado?
L2 – E lá vem você de novo!,

em que a implicação é explicitamente apresentada como já saliente (*di nuovo, re(voilà), de novo*). De acordo com Ferrari e Rossari (*op. cit.*, p. 44), o que está em jogo na oposição entre *dunque* e *quindi* é

o estatuto “cognitivo” de *q*: *q* é apresentado como saliente por *dunque* e como não saliente por *quindi*. Contrariamente às aparências, (...) a natureza do encadeamento não é diretamente pertinente (...). Isto posto, se *quindi* introduz uma implicação não saliente, claro está que esse marcador não é especialmente adequado nos encadeamentos contextuais que (...) têm a propriedade de manifestar preferencialmente usos recapitulativos, metadiscursivos e de retomada – isto é, usos com função de reatualização.

Essa breve comparação nos permitiu perceber que alguns dos contextos de *quindi* são compartilhados por *donc* e *então*, mas não todos, o que significa que a análise da relação entre *donc* e *então* merece ser aprofundada. Convém igualmente observar que os quatro marcadores lexicalizaram de diferentes maneiras os traços semânticos e os efeitos pragmáticos da relação que atualizam. Note-se, ainda, que *então* não conhece toda a gama de usos e contextos que *alors* e *donc* podem assumir, observação que é reforçada pela comparação com *quindi* e *dunque*.

5. Considerações finais

Ao término de nosso trabalho, gostaríamos de assinalar alguns pontos que não pudemos abordar por questões de espaço. O primeiro deles é o fato de que o funcionamento dos quatro marcadores aqui estudados ilustra o que Victorri e Fuchs (1992) chamam de *polissemia gramatical*. A existência de um núcleo semântico invariável unindo os diferentes valores desses marcadores (ideia que aqui apenas pudemos evocar), constitui um forte argumento em favor dessa hipótese. Aliada ao fato de se tratar de advérbios de tempo que passam a exercer funções textuais e discursivas, essa hipótese permite inscrever seu estudo no bojo da teoria da gramaticalização (TRAUGOTT, 1982; TRAUGOTT; HEINE, 1991). No entanto, como indica Buchstaller (2001, p. 22), a ideia de um encadeamento que vai do mais concreto (ou mais lexical) ao mais abstrato (ou mais gramatical) “não mostra completamente os laços semântico-pragmáticos entre as funções nos diferentes pólos da cadeia”. É por essa razão que, como Buchstaller (*op. cit.*, p. 23), acreditamos que “não se pode postular um único encadeamento gramatical unindo usos que são progressivamente mais distantes do núcleo. Antes, (...) eles formam um campo semântico em torno desse núcleo, podendo estar relacionados entre si de maneira mais ou menos próxima”. Mas este é um tema para outros trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSCOMBRE, J.-C. Les syllogismes en langue naturelle. Dédution logique ou inférence discursive?. *Cahiers de Linguistique Française*, Genève, n. 5, p. 37-84, 1990.
- BEARTH, T.; FENNIG, C. (Eds.) *French/English Glossary of Linguistic Terms*. Dallas: SIL International, 2004. Disponível em: <www.sil.org/linguistics/glossary_fe>. Acesso em: 21 jun. 2009.
- BUCHSTALLER, I. An alternative view of “Like”: its grammaticalization in conversational American English and beyond. *Edinburgh Working Papers in Applied Linguistics*, Edinburgh, n. 11, p. 21-41, 2001.

- CHAROLLES, M. Cohésion, cohérence et pertinence du discours. *Travaux de Linguistique*, n. 29, p. 125-151, 1995.
- CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Opérations et représentations. Gap: Ophrys, 1990, 182 p. (tomo 1).
- DUCROT, O. *Dire et ne pas dire*. Principes de sémantique linguistique. Paris: Hermann, 1972, 327 p.
- FERRARI, A.; ROSSARI, C. De *donc* à *dunque* et *quindi*: les connexions par raisonnement inférentiel. *Cahiers de Linguistique Française*, Genève, n. 15, p. 7-49, 1984.
- HYBERTIE, C. *La conséquence en français*. Gap: Ophrys, 1996, 148 p.
- LE DRAOULEC, A. ; BRAS, M. *Alors* as a possible temporal connective in discourse. *Cahiers Chronos*, n° 17, p. 81-94, 2007. Disponível em: <<http://w3.erss.univ-tlse2.fr:8080/index.jsp?perso=draoulec&subURL=publi.html>>. Acesso em: 27 jun. 2009.
- LO CASCIO, V. *Grammatica dell'argomentare: strategie e strutture*. Firenze: La Nuova Italia, 1991, 448 p.
- MOESCHLER, J. *Argumentation et conversation*. Paris: Hatier, 1989, 203 p.
- RISSO, M. S. O articulador discursivo “então”. In: CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M. (Orgs.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Fapesp, 1996, p. 423-452.
- ROULET, E. *et al. L'articulation du discours en français contemporain*. Berne: Peter Lang, 1985, 272 p.
- SANTOS, L. M. *Étude d'une famille de marqueurs du portugais parlé au Brésil: agora, então, depois et ainda – Temporalité et textualité*. 289 f + 98 f (anexos). Tese (Doutorado em Sciences du Langage) – Université de Nancy 2. Nancy (França), 1996.
- _____. Les marqueurs *então, logo, alors* et *donc*: temporalité et causalité. Analyse contrastive portugais/français. *VERBUM*, Nancy, t. XXI, n. 4, p. 469-484, 1999.
- SAPATA, A. C. *O articulador discursivo então e suas várias funções no texto escrito do Brasil*. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Unicamp, Campinas, 2005.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, 376 p.
- _____. Anaphoric *then*: aspectual, textual and epistemic meaning. *Linguistics*, n. 30, 1992, p. 753-792.
- SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance*. Oxford: Blackwell, 1986, 326 p.
- TRAUGOTT, E. C. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.) *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 1982, p. 245-271.
- _____; HEINE, B. (eds.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1991, 360 p.
- VILELA, M.; KOCH, I. V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001, 566 p.

VICTORRI, B.; FUCHS, C. Construire un espace sémantique pour représenter la polysémie d'un marqueur grammatical: l'exemple de *encore*. *Linguisticae Investigationes*, v. XVI, n. I, p. 125-153, 1992.